



ARTIGOS - ARTICLES

Geologia e Barroco: a teoria sacra da Terra de Thomas Burnet

Alexandre Henrique da Silva dos Santos
Doutorando em História Social FFLCH/USP
Prof. Prof. Mun. de Santo André
ahssantos@usp.br

Resumo: Este artigo discute as relações entre a obra Teoria Sacra da Terra, elaborada pelo teólogo anglicano inglês Thomas Burnet (1635-1715), e o Barroco vivenciado pela sociedade europeia seiscentista. Nessa análise, constatou-se a forte influência da cosmovisão barroca sobre o tempo na teoria geológica elaborada por Burnet, a qual, por sua vez, apresenta importantes contribuições para as teses elaboradas pela moderna Geologia sobre o tempo da Terra e a dinâmica de seus fenômenos. Diante disso, é possível perceber uma tensão teórica sobre o tempo já no século XVII, o qual antecede as discussões empíricas sobre o tempo profundo vivenciadas pela Geologia em fins do século XVIII e início do XIX.

Palavras-chave: Barroco, Thomas Burnet, Teoria da Terra, História da Geologia, Tempo profundo.

Geology and Baroque: Thomas Burnet's Sacred Theory of the Earth

Abstract: This article discusses the relations between the book Sacred Theory of the Earth, elaborated by the English Anglican theologian Thomas Burnet (1635-1715), and the Baroque experienced by 17th European society. In this study, it was possible to identify the strong influence of the Baroque cosmovision about time in Burnet's geological theory, that has important contributions to the thesis elaborated by the modern Geology about the Earth and the dynamics of terrestrial phenomena. So, it's possible to verify a theoretical tension about time in 17th century, which precedes the empirical discussions on deep time attended by the Geology in the late 18th and the 19th centuries.

Keywords: Baroque, Thomas Burnet, Theory of the Earth, History of Geology, Deep time.

Introdução

De acordo com Roger¹, a Teoria da Terra constituiu-se como um amplo campo de estudos capaz de agrupar todos os temas do que hoje compreendemos como pertencentes às chamadas Ciências da Terra. Iniciada em fins do século XVII, a Teoria da Terra teve vida longa, alcançando seu auge no século XVIII e perdurado até meados do século XIX, momento no qual um novo campo do saber, a Geologia, passou a assumir muitas de suas teorizações.

Conforme afirmado por Roger², a Teoria da Terra procurou construir um sistema explicativo para a Terra enquanto um planeta isolado, rompendo com as tradicionais teorias platônicas e aristotélicas sobre o surgimento e desenvolvimento do mundo. Nesse sentido, essa teoria caracterizou-se pela elaboração de uma explicação histórica e física da Terra, a qual considerava tanto sua estrutura interna quanto os fenômenos de sua superfície. Para Roger³ e Gohau⁴, a Teoria da Terra é um produto direto da chamada “Revolução Copernicana”, pois, de acordo com os autores, foi por meio da teoria heliocêntrica que a Terra deixou de ser vista como o centro do Universo e passou a ser caracterizada apenas como um planeta tão relevante quanto qualquer outro.

Além disso, Gohau⁵ também aponta para o período das Grandes Navegações como um momento importante para uma mudança da geografia que se tinha do planeta. Segundo o autor, com a descoberta do continente americano, o qual se estende desde o polo Norte até o polo Sul, antigas teorias medievais sobre a alternância entre um hemisfério inteiramente emerso e outro totalmente imerso nos oceanos não encontrava mais sustentação.

Dessa forma, para Roger⁶, o surgimento da Teoria da Terra permitiu construir uma história individualizada para o planeta, não havendo mais a necessidade de se explicar os fenômenos terrestres diretamente vinculados aos fenômenos cosmológicos e vice-versa. Nesse contexto, a Teoria da Terra teve como principal característica separar a Terra da Cosmologia, pois, se antes a história do Universo se confundia com a da

¹ ROGER, J. La théorie de la Terre au XVIIe siècle. *Revue d'Histoire des Sciences*, tome 26, nº 1, p-23-48, 1973. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1973_num_26_1_3311. Acessado em: 27 nov. 2021.

² Id., 1973.

³ Id., 1973.

⁴ GOHAU, G. *Les Sciences de la Terre aux XVII et XVIII siècles. Naisance de la Géologie*. Paris : Éditions Albin Michel, 1990. Série l'Évolution de l'humanité. E-book não paginado.

⁵ Id., 1990.

⁶ Id., 1990.

própria Terra, haja vista que ela ocupava o seu centro, agora as diversas feições e fenômenos terrestres, como o surgimento das montanhas, por exemplo, começam a ter suas respectivas causas associadas à própria Terra e não mais a eventos exteriores a ela⁷.

É justamente nesse contexto que surgem os primeiros esboços de uma nova interpretação sobre a origem da Terra e seus fenômenos, a qual tem início com o filósofo francês René Descartes em sua obra *Princípios de Filosofia*, e que será desenvolvida pelo teólogo anglicano Thomas Burnet (1635-1715) sob o título de *Teoria da Terra*⁸.

A Teoria Sacra da Terra de Thomas Burnet

Algumas perspectivas sobre o Barroco

De acordo com Maravall⁹, o Barroco compreendeu o período entre 1600 e 1680, cujo momento de maior significância encontra-se entre 1605 até 1650. Essa é uma época tensa na História europeia. Guerras, fome, pestes, miséria e uma aguda consciência de que a violência estava presente em todos os lugares trouxeram ao imaginário europeu a percepção de que o mundo caminhava para a sua efetiva destruição. Tudo é desordem e nada que pertença ao domínio do mundano é eterno.

⁷ Um exemplo da utilização de causas externas ao planeta para se explicar feições terrestres pode ser vista na obra *La Composizione del Mundo*, do italiano Ristoro d'Arezzo (1210-1286), na qual consta a tese de que as estrelas exerceriam uma virtude atrativa sobre o relevo terrestre. Assim, tal como um ímã, as constelações mais distantes desenvolveriam montanhas, enquanto as mais próximas apenas vales. (Cf. ELLENBERGER, F. *Histoire de la Géologie: Des Anciens à la première moitié du XVII siècle*. Paris: Technique et Documentation – Lavoisier, 1988. v. 1. Petite Collection d'Histoire des Sciences. p. 93). Além disso, Roger (Idem) aponta para a tese dos quatro elementos como a causa para a pouca investigação do interior da Terra pelos antigos e medievos. Assim, tendo em vista que a Terra ocuparia o centro do Universo, o qual também é o local preferencial do elemento mais pesado, o elemento terra, derivaria a compreensão de que o interior do planeta seria inteiramente formado por esse único elemento, tornando o planeta apenas uma massa homogênea e compacta, sem maiores complexidades.

⁸ Há um debate que, de certo modo, ainda não está abertamente declarado na comunidade de historiadores da Geologia sobre considerar ou não Descartes como tendo sido o autor responsável por iniciar esse novo gênero científico denominado como Teoria da Terra. Se para Roger (Idem) e, Rudwick (RUDWICK, M. J. S. *Bursting the limits of time. A reconstruction of Geohistory in the age of revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2005), isso é nítido, o mesmo não pode ser dito para Gohau (Idem) e Rappaport (RAPPAPORT, R. *When geologists were historiens (1665 – 1750)*. New York: Cornell University Press, 1997), por exemplo. Esses últimos autores têm, na realidade, a obra de Burnet como o marco inicial desse novo gênero científico. As justificativas empregadas para isso são amplas e variadas, partindo desde uma consideração da obra cartesiana como profundamente sistemática e pouco empírica, até a simples afirmação de que foi Thomas Burnet quem, de fato, iniciou este tema, pois o título de sua obra foi a primeira a apresentar explicitamente o termo Teoria da Terra, o qual foi posteriormente utilizado pelos mais diversos autores.

⁹ MARAVALL, J. A. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997. É importante se ter em mente que Maravall, apesar de ter seu foco no barroco espanhol, o qual considera o exemplo mais expressivo do Barroco, interpreta esse período como uma cultura, a qual atravessa e permeia a sociedade europeia como um todo. Dessa forma, de acordo com sua visão, toda a Europa vivencia a cultura barroca, porém em diferentes intensidades, conforme o distanciamento de cada país do seu epicentro, a Espanha. É uma análise semelhante àquela realizada por Perry Anderson em seu livro *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo* (Editora da UNESP, 2016), no qual o autor aponta a França como o grande exemplo do sistema feudal, enquanto o restante da Europa vivenciaria intensidades distintas de feudalismo, de acordo com o seu afastamento do centro francês.

Com essa perspectiva, a estrutura da sociedade é vista por seus contemporâneos seiscentistas como em um permanente estado de transitoriedade, no qual tudo está fadado ao envelhecimento, à decrepitude e ao fim. Leis, Repúblicas, monarcas, sociedade, absolutamente tudo está fadado a envelhecer. Como diria o magistrado e economista espanhol do século XVII, Lopéz Bravo, “os impérios, e as leis (por mais que sonhem Platão e Morus) envelhecem como tudo; tem determinado que nenhuma coisa dure ou seja eterna: todas sofrem mudança com o tempo”.¹⁰ Ou mesmo a comunicação do Conselho Real espanhol ao seu rei em 1619: “as cidades, os reinos e as monarquias perecem, como os homens e as demais coisas criadas.”¹¹

Essa visão de que tudo caminha em uma determinada direção, que, no caso da cultura barroca, é a da caducidade e o fim, traz dois aspectos essenciais da cultura barroca, os quais estão intimamente relacionados: o movimento e a mudança.

A mudança é interpretada como uma lei sob a qual tudo e todos estão submetidos. Tudo muda, seja a humanidade, seja a natureza. Nas palavras de Maravall:

Ela, a mudança, é outro dos princípios fundamentais com que está montado o universo e, com ele, o pequeno universo do homem. “Nada permanece na natureza”, afirma Saavedra Fajardo. “Não há coisa estável nesse mundo”, escreve Francisco Santos. Tudo se altera: as coisas, os homens, suas paixões e caracteres, suas obras. Rodrigo Caro nos fará observar que a própria terra, tão firme e estável, “sofre às vezes mudança, treme e se estremece e move”, a ponto de que não tem hoje, nem terá amanhã, como não a teve em outros tempos, uma mesma figura, o que depende “de ocultas e precisas leis da natureza deste orbe inferior”. (...) ¹²

Intrinsicamente atrelada à ideia de mudança temos a do movimento. Na realidade, o movimento constitui-se no grande princípio da cosmovisão barroca, do qual as noções de mudança, caducidade, restauração etc., derivariam.

O fato, coetâneo da cultura barroca, do descobrimento da circulação do sangue confirma essa lei geral que rege tudo, dos astros, no macrocosmo, ao centro vital do coração, no microcosmo: Bances Candamo admira-se de que, do mesmo modo que gira o sol, também o coração “faz em repetidos giros aquele contínuo movimento da circulação do sangue, descoberta pela nova *Philosophia Chimica*”. Da ciência à moral, tudo fala ao homem do Barroco dessa lei universal do movimento. Tudo no mundo é “ou subir ou descer”, como diz a tão citada *Empresa LX*, de Saavedra Fajardo.

¹⁰ Apud MARAVALL, J. A. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 220.

¹¹ Apud *Ibid.*, p. 220.

¹² *Ibid.*, p. 288.

“Tudo se precipita quando cresce”, afirma Bocángel. Portanto, tudo se move. (...) ¹³

Diante do movimento inevitável da realidade, a qual caminha em direção a caducidade, restaria ao homem do barroco apenas tentar adiar, ou, pelo menos, alargar ao máximo o tempo de espera para esse fim que se avizinha e que se coloca à espreita como irreversível. Mas por outro lado, o Barroco também enxerga uma possibilidade de vencer esse trágico desfecho, e essa saída também é racionalizada por meio da mudança. Uma mudança específica que é capaz de transmutar o velho no novo, ou seja, de restaurar aquilo que uma vez existiu.

Assim, caducidade e renovação, colocam-se como elementos complementares da temática barroca, o que, dentro da perspectiva de uma realidade em constante movimento, resulta na insanável antinomia entre a ascensão e o declínio, entre a decrepitude e a restauração, as quais, em conjunto, atestam a perpetuidade das coisas. Como diria o antimachiavelista espanhol Diogo de Saavedra Fajardo (1584-1648), “a renovação dá perpetuidade às coisas caducas por natureza” ¹⁴

Ascensão, decrepitude, restauração. Movimentos que, reunidos, trazem à mente barroca a concepção de que o tempo é uma sucessão de mudanças, ou seja, uma “substituição de coisas que deixam de ser por outras que vão prosseguir depois no mesmo destino” ¹⁵. Daí temos o grande interesse do Barroco pelo tema das ruínas, no qual pretende encontrar os testemunhos do tempo. ¹⁶ Em meio a transitoriedade da vida humana e do mundo natural, as ruínas colocam-se como o próprio tempo cristalizado, as quais cumpririam uma dupla função: ao mesmo tempo em que atestariam o caráter transitório do mundo, pois são representantes de uma realidade que não existe mais, elas também permitiriam a reconstrução desse passado. Um passado destruído e consumido pelo tempo, exemplo da decrepitude do mundo.

Diante disso, Maravall ¹⁷ também destaca o interesse que o Barroco terá pela história, o qual iniciará um processo de historicização sem precedentes ao circunstanciar várias áreas do saber, da Teologia à Política. Sendo assim, podemos ver o Barroco diante de duas concepções sobre a natureza do tempo, a qual podemos definir como o ciclo e a linha, tal como discutida por Bignotto ¹⁸. Considerando o ciclo do tempo como a repetição idêntica dos eventos e a linha como o seu contrário, ou seja, como uma sucessão imprevisível de eventos, o Barroco, na sua ânsia de evitar a trajetória linear em direção

¹³ Ibid., p. 286.

¹⁴ Apud Ibid., p. 293.

¹⁵ Ibid., p. 301.

¹⁶ Ibid., p. 301.

¹⁷ Ibid., p. 303.

¹⁸ BIGNOTTO, N. O Círculo e a Linha. IN: NOVAES, A. (Ed.) *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, p. 175 – 187, 1994.

ao fim certo, busca restaurar o que se passou, impondo o ciclo à trajetória implacável da linearidade do tempo¹⁹.

Na Teoria Sacra da Terra, veremos como seu autor produz uma complexa articulação entre esses tempos, a sociedade humana e o mundo natural. Mas antes, é preciso tecer alguns comentários sobre o Milenarismo inglês, no qual Thomas Burnet estava completamente inserido, conforme bem observado por Rossi²⁰.

Considerações sobre o milenarismo inglês

De acordo com Bettini²¹, o termo “Milenarismo” significa literalmente milênio e, neste caso, refere-se a algumas passagens bíblicas do livro do Apocalipse que descrevem uma sequência de eventos cruciais para a história da cristandade. Resumidamente, o relato inicia-se com o segundo retorno de Jesus e o estabelecimento de seu governo com duração de mil anos. Nesse período, é previsto que Satanás será aprisionado e que os justos ressuscitarão e viverão uma vida farta e tranquila. Passado esse milênio, Satanás será solto e tem-se o começo da grande batalha do bem contra o mal, na luta contra Gog e Magog, a qual, quando finalizada, dará início ao Juízo Final, seguido pelo renascimento da Terra e a descida dos céus da nova Jerusalém, local do novo governo de Deus com os homens.

Aqueles que debateram quando, onde e como esse Milênio chegaria são denominados de milenaristas e têm na Reforma Protestante o seu ponto de partida. Segundo Bettini²², a partir da Reforma, toda a Europa assiste a uma renovada vitalidade da literatura escatológica-apocalíptica, a qual privilegia uma leitura mais literal dos textos sacros em contraponto às interpretações cheias de alegoria do mundo católico. Tal visão

¹⁹ É importante esclarecer que Ciclo e linha não são interpretações genuinamente barrocas sobre a natureza do tempo. Eliade (ELIADE, M. *The myth of the eternal return: or, Cosmos and history*. Princeton: Princeton University Press, 1991) e Bignotto (Idem) já apontam que essas concepções são oriundas da Antiguidade. De fato, Eliade demonstra que a consideração do tempo enquanto linha é uma interpretação genuinamente judaica, resultado do comportamento repentino e dubio de Deus. Caracterizado como um deus que tem todo o poder para fazer o quer e quando bem entender, restaria a seus sacerdotes a difícil tarefa de tentar prever suas ações, as quais são vistas como eventos individualizados. Assim, uma contínua leitura e releitura das ações divinas passadas era a forma pela qual os sacerdotes judeus tentavam prever o que esse deus realizaria no futuro, em uma espera angustiante por qualquer tipo de manifestação, a qual, geralmente, não primava pela cordialidade. Na visão de Eliade, essa imprevisibilidade dos atos divinos sobre o mundo e sobre a humanidade, bem como a reunião desses mesmos atos que não se repetem, vide o Dilúvio de Noé ou a destruição de Sodoma e Gomorra, permitiria conceber o tempo como o transcurso de uma sucessão de eventos absolutamente irreconhecíveis entre si. Algo diametralmente oposto ao comportamento dos deuses pagãos, os quais, segundo Eliade, comportavam-se com uma regularidade mais próxima aos ciclos astronômicos e agrícolas, apresentando, portanto, ações e reações previsíveis. Esta interpretação do tempo, permite forjar uma concepção de repetição de eventos, ou seja, de ciclo do tempo, que afastaria as sociedades pagãs do “horror” da História. História essa vista como o imprevisível, a catástrofe e o fim.

²⁰ ROSSI, P. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

²¹ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia della Terra nell'Inghilterra del Seicento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997.

²² Id., 1997.

ganha importante destaque no mundo inglês dos seiscentos, pois, na visão dos milenaristas ingleses, a Inglaterra será o local escolhido por Cristo para estabelecer o seu reino de mil anos, em contraponto à Roma e ao papado, os quais preveem serem completamente destruídos. Assim, a eliminação do poder papal é comparada pelos milenaristas ao próprio aprisionamento de Satanás.

Diante disso, a literatura milenarista que se desenvolve no mundo inglês a partir do início do século XVII é dividida em três importantes momentos, caracterizando períodos específicos desse movimento. Dessa forma, temos uma primeira fase denominada de Milenarismo religioso, seguido pelo Milenarismo político e finalizado pelo Milenarismo cosmológico²³.

O Milenarismo religioso

O Milenarismo religioso atendia a uma exigência real de transformação da sociedade inglesa dos seiscentos, sendo um meio eficaz de promover uma visão particular de mundo e a determinar uma nova Filosofia da História.²⁴ Assim, a escatologia milenarista passou admitir o tempo da profecia e o tempo da história como coincidentes, de modo que cada parte do texto profético teria uma correlação direta com cada evento ou pessoa do passado, do presente ou do futuro. Como exemplo, podemos destacar a interpretação de Joseph Mede (1586-1639), um dos mais importantes autores da literatura escatológica europeia e um dos mais influentes para o pensamento milenarista inglês, sobre a passagem do Apocalipse sobre “As Sete Taças”²⁵.

Conforme analisado por Bettini²⁶, Mede correlaciona o derramamento de cada uma das sete taças a importantes acontecimentos que ocorreram e que irão ocorrer do mundo cristão. Dessa forma, Mede considera que a primeira taça foi vertida quando

²³ Ibid., p. 9.

²⁴ Id., 1990.

²⁵ “Então, ouvi uma voz forte, vinda do templo, eu dizia aos sete anjos: Ide, e derramai pela terra as sete taças do furor de Deus. E o primeiro partiu e derramou sua taça na terra. Uma úlcera maligna e perniciososa feriu os homens que traziam a marca da besta e adoravam a sua imagem. O segundo derramou sua taça no mar: ele mudou-se em sangue como um morto, e tudo o que, no mar, tinha sopro de vida, morreu. O terceiro derramou sua taça nos rios e nas fontes das águas: eles transformaram-se em sangue. (...) Já que eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, é também sangue que lhes deste a beber. Eles o merecem! (...) O quarto derramou sua taça sobre o sol: e foi-lhe concedido abrasar os homens com seu fogo. (...) O quinto derramou sua taça sobre o trono da besta: seu reino ficou mergulhado em trevas. (...) O sexto derrubou sua taça sobre o grande rio Eufrates: e a sua água secou (...) O sétimo derramou sua taça pelos ares, e, do templo, saiu uma voz forte, vinda do trono. Ela dizia: Está feito Sobrevieram então relâmpagos, vozes e trovões, e um terremoto tão violento como jamais houve igual desde que o homem está na terra. (...)” (BÍBLIA. Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB. Edição Loyola Jesuítas: São Paulo, 2015, Ap. 16, 1-18).

²⁶ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia della Terra nell'Inghilterra del Seicento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997, p. 25-26.

John Wycliffe²⁷ (1328-1384) e Jan Huss²⁸ (1369-1415) começaram a pregar a verdadeira fé, a qual, segundo sua visão, teria sido a fé protestante. A segunda adveio com a obra de Lutero e a terceira com os assassinatos dos representantes do poder papal pelos reformadores.

Quanto às quatro últimas taças, Mede as coloca no futuro, correspondendo respectivamente à destruição da Casa da Áustria, quarta taça; a aniquilação de Roma, vista como a grande meretriz, quinta taça; o chamado dos hebreus à terra prometida, sexta taça; e, por fim, o início da batalha do bem contra o mal, com o fim definitivo de toda a maldade do mundo, a qual corresponde a sétima e última taça. Nesse momento derradeiro, Mede aponta que esta batalha limpará o mundo do poder papal e preparará a Terra para o reino milenário de Cristo e os Santos.

Diante do exposto, o Milenarismo inglês aponta para uma cronologia dos acontecimentos que podem ser agrupados em três momentos bem distintos. O primeiro caracterizar-se-ia por um mundo mergulhado no pecado e na desordem, estando na iminência de uma renovação. O segundo seria a chegada do Milênio, com a restauração da verdadeira fé e o governo dos justos. Por fim, temos o terceiro, marcado pela grande batalha contra o mal, tendo os verdadeiros cristãos como os vencedores desse confronto.

Tudo isso inspira a uma preparação para a guerra iminente, a qual exige uma disciplina para estar à frente desse enorme momento apocalíptico que se aproxima. Nesse sentido, Bettini²⁹ destaca o pensamento surgido entre os pregadores ingleses, notadamente entre os puritanos, para preparar o homem para esse desafio, ou seja, para a sua salvação e, conseqüentemente, sua permanência junto aos eleitos no Milênio. Assim, todo aquele que será salvo, ou eleito, deve obrigatoriamente passar por um movimento constituído por 5 fases, as quais compõem um verdadeiro processo de regeneração, sendo elas: eleição, vocação, justificação, santificação e glorificação.

²⁷ John Wycliffe foi um teólogo da Universidade de Oxford e o primeiro a promover uma tradução completa da Bíblia para a língua inglesa. É considerado como um dos precursores do movimento protestante por promover uma série de críticas à Igreja, dentre as quais o pedido para que ela se desfizesse de suas terras no mundo todo e a visão de que a existência de uma figura como o Papa não encontrava nenhuma justificativa nas Escrituras que legitimasse a sua existência (Cf. BRITANNICA. John Wycliffe. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/John-Wycliffe>. Disponível em: 27 nov. 2021.)

²⁸ Jan Huss foi um importante teólogo tcheco que propunha uma série de reformas à Igreja. Por toda a sua vida esteve envolvido no Grande Cisma do Ocidente, momento no qual a Igreja no século XIV se viu sob o comando de dois Papas rivais: um em Roma, Urbano VI, e outro em Avignon, Clemente VII. No Concílio de Constança, 1414-1418, realizado justamente para solucionar de uma vez por todas esse impasse, Jan Huss foi condenado por suas teses reformistas, declaradas como heréticas, e queimado vivo. (Cf. BRITANNICA. Jan Hus. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jan-Hus>. Acessado em: 27 nov. 2021.)

²⁹ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia dela Terra nell'Inghilterra del Seicento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997.

Assim, a primeira fase coloca-se como inegociável, pois tudo começa com a eleição divina de um determinado grupo. A segunda fase, a vocação ou chamado, se apresenta como um ponto fundamental, pois nesse momento o homem se compreende como convocado por Deus, estabelecendo uma relação privilegiada com a divindade e colocando sua própria vida e seu trabalho como testemunhos dele. A terceira fase caracteriza-se pela perspectiva da salvação. Se no começo ela era apenas uma esperança, agora ela é uma certeza, pois justifica-se na promessa de Deus de construir uma nova Jerusalém para os justos, ou seja, os eleitos.

A quarta e quinta fases estão intimamente ligadas, pois, ao aceitar o chamado e transformar sua vida como testemunho de Deus na certeza da salvação, também se aceita um determinado estilo de vida, o qual leva o homem para a sua própria santificação. Assim, para atingir plenamente esse propósito de vida, o eleito precisa cumprir um plano que se desdobra em duas ações: uma geral, relacionada as suas obrigações para com Deus, e outra particular, que consiste em combater o demônio em todas as suas manifestações, inclusive na vida mundana, para, assim, atingir a quinta e última fase: a glorificação de Deus.³⁰

Bettini³¹ ressalta que foi com essa mentalidade que puritanos ingleses abandonaram a Inglaterra rumo ao novo mundo, com o objetivo de fundarem a nova cidade de Deus na região do atual estado norte-americano de Massachusetts. Nesse evento, que Bettini denomina de “Sacro experimento”, torna-se difícil separar milenarismo e utopia. A América, vista como um território selvagem e distante da Igreja Católica e do Anticristo, colocava-se para esses colonos como um segundo paraíso terrestre, o qual seria capaz de reconduzir o homem à pureza moral originária. Assim, (...) A sua coragem [dos puritanos] e a sua determinação, superando enormes problemas burocráticos e práticos, exemplificava claramente a euforia e a força revolucionária de um sentimento religioso que se incarnava em ideal político. (...)³²

Essa junção entre milenarismo e utopia, a qual se concretizava com a realização do Sacro experimento, mostrava uma força que o distanciava do milenarismo puramente teórico, tal como fora apresentado por Joseph Mede, por exemplo. Tal momento, portanto, pode ser caracterizado como o nascimento do Milenarismo político.

O Milenarismo político

O Milenarismo político pode ser caracterizado como o resultado do processo da fusão entre o milenarismo e o utopismo, o qual substituíu a esperança de uma felicidade distante e segura por uma esperança laica de um possível mundo mais justo e mais

³⁰ Ibid., 34-41.

³¹ Id., 1997.

³² Ibid., p. 39.

igual. Dessa forma, sob o impulso do puritanismo e da Revolução Puritana, a perspectiva de criação de um novo mundo por meio da simples aniquilação do antigo passou a ser substituída pela visão de refundação, ou seja, um novo mundo que emergiria a partir da completa reforma do mundo antigo.³³

Assim, uma reforma total (da ciência, da religião e da sociedade) não somente é possível, como também estaria na iminência de ocorrer, pois a nova Jerusalém que se anuncia com a chegada do Milênio não pode mais ser procrastinada. A Inglaterra é o lugar escolhido e a Igreja reformada coloca-se como o seu artífice³⁴.

Diante disso, Bettini³⁵ destaca inúmeros trabalhos que apresentam propostas de uma nova sociedade cristã, a qual se fundaria sobre novas bases científicas, institucionais e econômicas. Dentre essas obras, podemos destacar aquela produzida por Samuel Hartlib (1600-1662), *Macaria*, a qual propunha uma sociedade científica e cristã, com uma nova relação entre ciência e instituição política; a de Gerrard Winstanley (1609-1676), *The law of Freedom in a Platforme or True Magistracy Restored*, na qual reconheceu a terra como a origem da riqueza e, diante de sua má distribuição, propôs a completa abolição da propriedade privada; e, por fim, a de John Milton (1608-1674) e de Jan Amos Comenio (1592-1670), os quais reconheciam na organização da educação e do saber um elemento chave para a constituição de uma sociedade nova e mais justa. O ponto em comum entre todos esses trabalhos é o destaque dado à reforma como um agente restaurador. É a partir do velho, da antiga sociedade, da velha decadente Jerusalém, vulgo Inglaterra, que surgiria uma nova, garantindo, portanto, a sua perpetuidade no tempo.

De acordo com Bettini³⁶, o Milenarismo, em tese, teria terminado em 1660 com a Restauração inglesa. Entretanto, a obra *Telluris Teoria Sacra* (Teoria Sacra da Terra), de Thomas Burnet, a qual teve sua primeira parte publicada em 1681, inaugura o que foi chamado de Milenarismo cosmológico, o qual perdurou aproximadamente até o fim da Revolução Francesa.

O Milenarismo cosmológico e a Teoria da Terra de Burnet

Thomas Burnet publicou sua Teoria Sacra da Terra em duas partes, sendo a primeira em 1681 e a segunda em 1689, ambas em latim. A primeira parte ganhou uma versão para a língua inglesa em 1684, enquanto a segunda já em 1690. Essas duas partes são compostas por quatro livros que, em seu conjunto, descrevem uma trajetória para a

³³ Id. 1997.

³⁴ Id., 1997

³⁵ Id., 1997

³⁶ Id., 1997

Terra em comunhão com os grandes eventos bíblicos. Divididos em dois grandes blocos, a primeira parte preocupa-se em construir um passado para a Terra, enquanto o segundo dedica-se ao seu futuro.³⁷

Começando pelos primeiro e segundo livros, neles temos uma discussão sobre a constituição do planeta e a transformação de sua superfície ocasionada pelo Dilúvio. Já no terceiro, Burnet apresenta de que modo ocorrerá a Conflagração e a chegada do Milênio, finalizando no quarto e último livro, com a constituição e a apresentação de uma nova Terra. Bettini³⁸ ressalta que a primeira parte, ou seja, os dois primeiros livros, são aqueles que mais são debatidos pela História das Ciências, justamente por Burnet discutir e relacionar os eventos da narrativa mosaica com aquilo que estava sendo apresentado pelas novas descobertas científicas. De fato, as obras de Roger³⁹, Gohau⁴⁰, Rossi⁴¹, Gould⁴² e Rappaport⁴³ (1997), por exemplo, concentram-se quase que exclusivamente nos dois primeiros livros⁴⁴, pouco analisando os dois últimos⁴⁵, ou simplesmente ignorando-os.

Considerando a obra como um todo, verifica-se que ela é marcada pela tentativa de Burnet de conciliar a física cartesiana com os eventos descritos pelos textos sacros, utilizando, para isso, uma leitura alegórica da Bíblia. Desse modo, Burnet se propõe a eliminar todas as contradições surgidas na comparação entre aquilo que fora relatado pelas Escrituras e as discussões produzidas pela Filosofia Mecanicista.

Isto posto, Burnet inicia seu texto a partir da constatação de que toda a superfície da Terra está em desordem, pois temos, ao mesmo tempo, corpos de diferentes pesos compartilhando os mesmos espaços, ou seja, grandes corpos rochosos se erguendo em direção aos céus (montanhas), enquanto grandes volumes de ar preenchendo profundas áreas da Terra (cavernas).

E quem não pode ver os elementos deslocados e desordenados, como eles parecem dispostos no presente; os corpos mais pesados e grossos nos lugares mais altos e aqueles líquidos e voláteis mantidos abaixo; pesadas massas de pedra e rocha lançadas ao ar e a água rastejando aos seus pés; enquanto esta é o corpo mais leve e

³⁷ Id., 1997

³⁸ Ibid., p. 103.

³⁹ ROGER, J. La théorie de la Terre au XVIIe siècle. *Revue d'Histoire des Sciences*, tome 26, nº 1, p. 23-48, 1973. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1973_num_26_1_3311. Acessado em: 27 nov. 2021.

⁴⁰ GOHAU, G. *Les Sciences de la Terre aux XVII et XVIII siècles. Naisance de la Géologie*. Paris : Éditions Albin Michel, 1990. Série l'Évolution de l'humanité. E-book não paginado.

⁴¹ ROSSI, P. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

⁴² GOULD, S. J. *Seta do Tempo, Ciclo do Tempo - Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁴³ RAPPAPORT, R. *When geologists were historians (1665 – 1750)*. New York: Cornell University Press, 1997.

⁴⁴ E mesmo nestas, a física de Burnet é apresentada de maneira muito resumida.

⁴⁵ Talvez isso reflita a perspectiva da Geologia moderna, na qual a construção do passado da Terra é infinitamente mais importante do que pensar sobre o seu futuro.

ativo, não deveria pela lei da natureza estar no lugar das rochas e pedras? Então nós vemos, como desordem, o ar lançado aos calabouços da terra e a terra alcançando as nuvens, pois existem os topos das montanhas e, sob suas raízes, nos buracos e cavernas, o ar é frequentemente detectado. (...).⁴⁶

Diante dessa situação caótica na qual se encontra o mundo, Burnet indaga-se sobre o que poderia ter causado tamanha desorganização, encontrando no Dilúvio bíblico o único evento capaz de promover tamanha desordem sobre a superfície terrestre.

Mil e seiscentos e alguns anos depois que a Terra foi feita e habitada, ela foi inundada e destruída em um Dilúvio de água. (...) Não um Dilúvio regional, mas um que se espalhou por toda a face da Terra, de Polo a Polo⁴⁷, e de Lesta a Oeste, e que em tal Excesso, as águas ultrapassaram os topos das Montanhas mais altas; (...) então uma Destruição e Devastação gerais foram trazidas sobre a Terra e sobre todas as Coisas nela, Humanidade e outras criaturas Vivas; exceto Noé e sua família (...). Depois que essas Águas assolaram por algum tempo a Terra, elas começaram a diminuir e recuar, (...); e as Montanhas e Campos começaram a aparecer, e todo o mundo habitável da Terra naquela Forma e Contornos que temos hoje. Então, o Mundo começou novamente (...). Assim pereceu o Antigo Mundo, e o presente emergiu das Ruínas e Remanescentes dele.⁴⁸

Portanto, a Terra atual não é somente uma superfície desordenada, mas configura-se como um conjunto de ruínas de um mundo anterior, as quais se dispõem de maneira desorganizada, tal como os escombros oriundos do desabamento de um edifício. Esse mundo antigo, na visão de Burnet, era o Paraíso terrestre, sendo as suas ruínas o palco onde a humanidade vive atualmente.

Nós ainda temos os materiais quebrados do primeiro mundo e andamos sobre suas ruínas. Enquanto o mundo transcorria, existia o Paraíso e as cenas da Idade de Ouro. Quando ele caiu, fez-se o Dilúvio; e esta Terra sem forma que nós habitamos é a forma encontrada quando as águas foram retiradas e a terra seca apareceu.⁴⁹

⁴⁶ BURNET, T. *The Sacred Theory of the Earth: Containing an Account of the Original of the Earth, and of all the General Changes which it hath already undergone, or is to undergo, till the Consummation of all Things*. 6th Ed. London: J. Hooke, 1726. 2v. p. 42-43. Disponível em: <https://archive.org/details/sacredtheoryofe01burn>. Acessado em: 27 nov. 2021.

⁴⁷ As palavras grafadas com a primeira letra em maiúscula no interior das frases são de autoria do próprio autor.

⁴⁸ Ibid., 12-13.

⁴⁹ Ibid. p. XIII.

Assim, é a partir do presente, ou seja, das ruínas da antiga estrutura que compunha o Paraíso que Burnet se propõe a desvendar as sucessivas mudanças pelas quais a Terra passou.

Nós somos habitantes da Terra, os seus Senhores e Mestres; e nós somos dotados com Razão e Entendimento; então, não caberia propriamente a nós examinar e desembaraçar os Trabalhos de Deus nesta parte do Universo, qual seja o nosso Destino, qual seja a nossa Herança e Habitação? E será encontrado, talvez, sobre uma estreita Investigação, que na presente Forma e Constituição da Terra, existem certos Marcos e Indicações do seu primeiro Estágio; com as quais se compararmos com aquelas Coisas que estão gravadas na História Sagrada, relativo ao primeiro Caos, Paraíso e um Dilúvio Universal, nós podemos descobrir, pela ajuda dessas Luzes, o que a Terra foi em seu primeiro Original, e quais Mudanças se sucederam nela desde então.⁵⁰

No entanto, Burnet não se limita apenas em reconstruir o passado a partir do presente, mas também em demonstrar como se dará o futuro da Terra. Assim,

Por estados da Terra que já são passados, nós compreendemos, principalmente, o Paraíso e o Dilúvio (...). Para os estados futuro, entendemos a Conflagração e qual nova Ordem da Natureza pode seguir disso, até todo o Círculo do Tempo e Providência estiver completado. (...) ⁵¹

Após apresentar esse panorama geral sobre sua teoria, Burnet inicia sua discussão sobre a formação da Terra propriamente dita, a qual será apresentada aqui de maneira sucinta. Desse modo, no princípio, a Terra era um composto de elementos indistintos, os quais, com o passar do tempo, foram se organizando em camadas concêntricas, mas adquirindo, no conjunto, uma forma ovalada. O núcleo, constituído por um fogo central, é acompanhado por uma imensa camada de água e esta, por sua vez, estaria envolta por uma fina e lisa camada sólida. Nesse momento da história da Terra, não existiriam montanhas, lagos ou oceanos, ou seja, não haveria relevo na superfície terrestre, sendo ela completamente lisa e uniforme.

No entanto, segue Burnet, a ação do sol, ao aquecer essa camada superficial, provoca o seu ressecamento, o qual, acompanhado do fervilhar da camada aquosa imediatamente abaixo dessa crosta, provoca o seu dilaceramento e conseqüente desabamento.

⁵⁰ Ibid. p. 12.

⁵¹ Ibid. p. 3.

Nessa descrição, Burnet preocupa-se em realizar uma correlação histórica entre cada episódio físico vivenciado pela Terra em sua teoria, com alguma passagem importante apresentada pelas Escrituras, de modo que um não possa existir sem o outro. Dessa forma, o Paraíso teria ocorrido justamente sobre esta crosta terrestre lisa, perfeita e sem qualquer tipo de irregularidade. É justamente nela que encontramos uma comunidade antediluviana pura, inocente e simples⁵², vivendo sobre um solo de fertilidade irrestrita e em um permanente clima primaveril.⁵³ A catástrofe que se segue, caracterizada pela ruptura dessa camada originária e a consequente sobreposição das águas, foi justamente o momento do Dilúvio, o qual resultou em um mundo completamente desorganizado, composto de ruínas dessa Terra antiga.

Desse modo, para Burnet, as montanhas, os picos, os imensos oceanos etc., seriam o testemunho de um paraíso perdido, um mundo de escombros e detritos de um passado glorioso, onde tais estruturas seriam verdadeiros monumentos históricos, atestando uma antiga era vista como esplendorosa para os seres humanos. Nesse sentido, para Burnet, a humanidade viveria hoje sobre um grande amontoado de ruínas, sobrevivendo em meio aos escombros daquilo que não era, de fato, o projeto inicial de Deus para os homens.

Por esse ponto de vista, Rossi demonstra que Burnet⁵⁴ emprega o termo ruína com o mesmo sentido que as Artes do século XVII a utilizam, ou seja, ligada às ideias de envelhecimento, decadência e corrupção, exatamente como o Barroco interpreta o mundo. Assim, na visão de Burnet, esse não seria o melhor dos mundos, muito menos o espelho da sabedoria divina, mas um Paraíso desgastado, resultado de um lento processo de corrupção e decadência, o qual caminharia para a sua total destruição.⁵⁵

Com essa perspectiva, Burnet propõe, já no frontispício do seu primeiro livro (Figura 11), uma grande esquematização sobre a trajetória da Terra, em uma indissociável relação entre a explicação física da Terra e os grandes eventos bíblicos, conforme defendidos pelo Milenarismo inglês. Acompanhando a Figura 11, temos que o mundo atual (4) é o resultado direto do Dilúvio universal (3), o qual destruiu a Terra originária (2) advinda do caos (1). O presente (4) vive na angústia de uma iminente transformação (5) com a chegada do Milênio e de um novo mundo (6), o qual terá como base as ruínas do mundo antigo e finalizará sua trajetória quando tornar-se uma esfera de pura luz (7), após o Juízo Final.

Essa proposta de Burnet tornou a sua obra Teoria Sacra da Terra um sucesso editorial, tendo, em 1726, alcançado a marca de 16 edições e revisada inúmeras vezes

⁵² ROSSI, P. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 59.

⁵³ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia della Terra nell'Inghilterra del Settecento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997, p. 110-111.

⁵⁴ ROSSI, P. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

⁵⁵ Id., 1992.

pelo seu autor.⁵⁶ Esse sucesso também foi acompanhado por um intenso debate realizado por seus contemporâneos, os quais criticaram, sobretudo, a forte influência cartesiana de sua teoria e as consequências disso para o mundo cristão.⁵⁷ Já na metade do século XVIII, Burnet continuou sendo alvo de debates, mas, dessa vez, sendo profundamente rechaçado pelo Iluminismo francês, notadamente por autores como Buffon, Diderot e Desmarest.

⁵⁶ ROGER, J. La théorie de la Terre au XVIIe siècle. *Revue d'Histoire des Sciences*, tome 26, n° 1, p-23-48, 1973. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1973_num_26_1_3311. Acessado em: 27 nov. 2021.

⁵⁷ RAPPAPORT, R. *When geologists were historiens (1665 – 1750)*. New York: Cornell University Press, 1997.

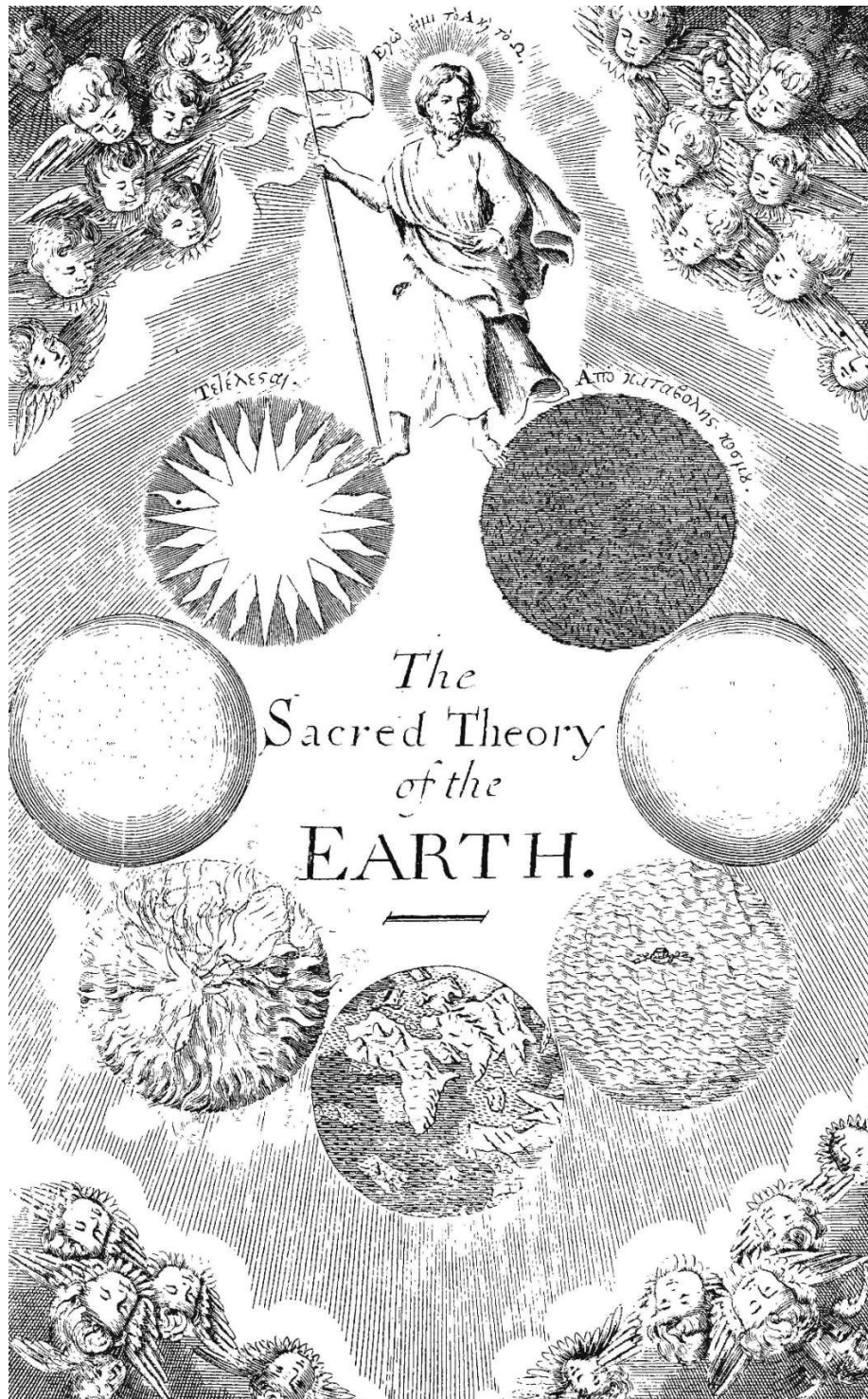


Figura 1 – No sentido horário: Caos inicial. Paraíso. Dilúvio. Terra atual. Retorno de Jesus e Conflagração. O Milênio. Juízo Final e a Terra torna-se uma estrela.⁵⁸

⁵⁸ BURNET, T. *The Sacred Theory of the Earth: Containing an Account of the Original of the Earth, and of all the General Changes which it hath already undergone, or is to undergo, till the Consummation of all Things*. 6th Ed. London: J. Hooke, 1697. 2v. Frontispício. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pt33OCWIB6EC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acessado em: 27 nov. 2021.

Considerações sobre a teoria de Thomas Burnet

Diante do que pode ser explorado sobre a Teoria da Terra de Thomas Burnet nesse momento, é possível verificar que há um forte alinhamento entre sua teoria e a visão de mundo característica do Barroco. Dessa forma, assim como a transitoriedade é uma marca constante que atravessa toda a sociedade barroca, podemos identificar em Burnet essa mesma transitoriedade traduzida em uma trajetória para Terra, a qual passa por sucessivas mudanças, do começo ao fim. No entanto, se o Barroco vive na angústia de uma história que chega ao seu derradeiro final, a transitoriedade em Burnet ganha um outro significado, a partir do momento em que ela é colocada em uma determinada dimensão religiosa, ou seja, dentro da perspectiva do Milenarismo inglês.

Assim, é interessante notar que no Milenarismo cosmológico de Burnet, a Terra deve obrigatoriamente acompanhar, *pari passu*, a história da humanidade, vivenciando todas as transformações pela qual passa a sociedade, conforme pode ser extraído do relato bíblico. O mundo é, portanto, colocado como o espelho do ser humano. Nesse sentido, tal como o homem guarda em seu interior uma centelha divina dentro de um mar de pecados e contradições, o qual permitiria reconstruir essa humanidade primaveril, o mundo atual, por sua vez, também guardaria, em meio a desordem e ruínas na qual se encontra, pedaços dessa Terra antiga e mais próxima do plano de Deus. Desse modo, analisar seus escombros e coletar seus cacos, permitiria restabelecer esse mundo no plano das ideias, bem como identificar os processos que levaram a sua destruição. Nesse sentido, Burnet dá às ruínas o mesmo sentido empregado a elas pelo Barroco: um tempo cristalizado, testemunho de uma gloriosa época passada, a qual traz consigo a confirmação da decadência do mundo. Dessa forma, como bem observou Bettini⁵⁹, Burnet apresenta um olhar arqueológico sobre a Terra, ou seja, da mesma forma que é possível reconstruir o passado de antigas civilizações a partir de suas ruínas, também é possível fazer o mesmo para a história da Terra.

Por outro lado, Burnet não se limita apenas a pensar o passado. Ele também nos demonstra como será o futuro. Se o Barroco tende a instaurar o novo com o intuito de renovar o presente e, assim, adiar o futuro catastrófico que se aproxima, perpetuando o tempo da existência, o Milenarismo cosmológico de Burnet anseia pelo fim. A Conflagração não é apenas desejada, mas ansiosamente aguardada, pois é somente através dela que um novo mundo pode emergir completamente restaurado.

Dessa forma, em Burnet, vemos que pensar o passado da Terra é importante, na medida que ele nos demonstra como será o futuro. Portanto, só faz sentido reconstruir um passado para o planeta se podemos vislumbrar nele aquilo que está por vir. Em

⁵⁹ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia dela Terra nell'Inghilterra del Seicento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997, p. 11.

linhas gerais, passado e futuro colocam-se como momentos indissociáveis, pois o passado indica em quais condições e sob quais formas o futuro se concretizará, futuro esse amplamente aguardado tanto pelos Milenaristas quanto pela sociedade Barroca.

Nesse sentido, Gould⁶⁰ faz uma análise minuciosa dessa imagem, na qual podemos ver refletida a perspectiva do mundo Barroco sobre o tempo, em sua imposição do ciclo à linha implacável do transcurso dos acontecimentos. Em sua análise, Gould identifica nessa intrínseca relação elaborada por Burnet entre passado e futuro da Terra a sobreposição dessas concepções temporais: a linha, a qual ele denomina como seta, e o ciclo. Na visão de Gould, Burnet apresentaria a trajetória da Terra como um conjunto de eventos únicos, porém repetitivos. A princípio, essa afirmação seria, sem dúvidas, extremamente contraditória em um primeiro momento, mas vejamos isso de acordo com a articulação proposta pelo autor.

O Dilúvio e a Conflagração Universal, conforme previstos pelo frontispício de Burnet, são apresentados como eventos únicos, característicos de uma linearidade temporal, pois ambos se realizam em momentos diferentes, com razões diferentes e de maneira diferente. Assim, temos o primeiro evento ocorrendo logo após o Paraíso, tendo por razão a desobediência humana para com Deus, e é concretizado por meio de uma inundação de proporções gigantescas. Quanto ao segundo, ele acontece após o estágio mais baixo da história humana, tem por objetivo a restauração da sociedade e realiza-se por meio de um cataclisma incendiário. No entanto, apesar de únicos, ambos se repetem na história enquanto catástrofes mundiais. São dados como certos e previsíveis na trajetória da Terra, tal como pensado por uma estrutura cíclica do tempo. Portanto, temos a repetição de eventos, mas uma repetição que se concretiza de maneira única. Essa amálgama realizada por Burnet entre estas duas dimensões temporais foi genialmente definida por Bettini⁶¹ como cíclico-retilínea.

É justamente nessa amálgama que Gould⁶² identifica um paradigma da Geologia Moderna. Assim como Burnet, a Geologia também recorreria a essas duas dimensões temporais para construir seus modelos teóricos de explicação sobre a história da Terra. Desse modo, a formação das cadeias de montanhas, por exemplo, sempre estaria submetida à tectônica de placas. Porém, a concretização desse processo se dá de acordo com características particulares, locais. É por isso que o Himalaia, por exemplo, é algo único na história da Terra e, ao mesmo tempo, um evento repetido. Ou seja, enquanto Himalaia, ele é único, mas como montanha, é o resultado do mesmo processo que gerou e gera outras montanhas ao redor do mundo, ou seja, a tectônica de placas. Em outras palavras, é possível dizer que nunca houve outra cadeia montanhosa rigorosamente idêntica ao Himalaia ao longo do tempo, embora sempre tenha ocorrido a formação de montanhas.

⁶⁰ GOULD, S. J. *Seta do Tempo, Ciclo do Tempo - Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁶¹ BETTINI, A. *Cosmo e Apocalisse. Teoria del Millennio e Storia della Terra nell'Inghilterra del Seicento*. Firenze: Leo S. Olschki, 1997, p. 11.

⁶² GOULD, Op. cit.

Diante do exposto, é possível verificar que a relação entre Geologia e Barroco é um tema que precisaria ser mais bem explorado, pois é nítida a existência de importantes ideias desse período histórico na moderna Geociências. Nesse sentido, a obra Teoria Sacra da Terra de Thomas Burnet coloca-se como um ponto chave, ou pelo menos um bom ponto de partida, para essas análises.

Além disso, essa discussão permite repensar a construção das temporalidades em Geologia a partir de uma perspectiva que não seja puramente empírica. No Barroco e em Burnet, vemos uma tensão teórica sobre o tempo manifestada muito antes da descoberta do chamado tempo profundo. O quanto isto impacta nessa importante tese geológica é algo que ainda precisa de maiores estudos.